

## Aspectos do uso da teoria de Bernstein em contextos museais

Souza, M. P. C.<sup>1</sup>, Martins, L. C.<sup>2</sup> & Marandino, M.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo

<sup>2</sup> Percebe Pesquisa e Consultoria educacional

<sup>3</sup> Universidade de São Paulo

Email: [mpaulacorreia@usp.br](mailto:mpaulacorreia@usp.br); [lucianamartins@percebeeduca.com.br](mailto:lucianamartins@percebeeduca.com.br); [marmaran@usp.br](mailto:marmaran@usp.br)

### Resumo

As teorias de currículo, que muitas vezes parecem estar voltadas apenas à educação formal, trazem reflexões muito mais amplas que dizem respeito as formas como a sociedade se relaciona com o conhecimento e legitima a produção, seleção e apropriação da cultura.

A complexidade da produção dos discursos e textos das exposições e outras atividades educacionais realizadas nos museus, podem ser analisados desde um ponto de vista das relações de poder, tal como é proposto por eixos de investigação das teorias críticas do currículo. Essa compreensão da educação museal traz a tona uma série de possibilidades analíticas.

Apresentamos aqui aspectos de pesquisas que fazem uso da teoria sobre o funcionamento do Dispositivo Pedagógico proposta por Basil Bernstein, com enfoque na análise dos discursos e no processo de recontextualização. Consideramos para tal, que os discursos expositivos e aqueles presentes nas atividades educativas desenvolvidas pelas instituições museais analisadas, são discursos pedagógicos construídos por meio de processos de recontextualização.

### Aspectos teóricos

A teoria do dispositivo pedagógico proposta por Bernstein (1996), traz uma estrutura que permite a análise interna do discurso pedagógico, especificando os princípios próprios à produção, reprodução e mudanças no discurso pedagógico. O dispositivo é o meio pelo qual se relacionam poder, conhecimento e consciência. É formado por um conjunto de regras que atuam sobre os significados que podem ser transmitidos pelas instituições de ensino e culturais. Há três conjuntos de regras que se inter-relacionam, as distributivas que regulam as relações entre poder, grupos sociais e práticas; as recontextualizadoras que atuam na formação do discurso pedagógico; e as de avaliação que estabelecem critérios para a prática (BERNSTEIN, 1998).

O processo de construção do discurso pedagógico é regulado por *regras recontextualizadoras*, como afirma Leite (2007:32), elas são o cerne do processo de recontextualização, o qual funciona a partir da apropriação de outros discursos, com a finalidade específica de atender ao processo de transmissão e aquisição de conhecimentos. De

acordo com Mainardes e Stremel (2010), o discurso pedagógico é um princípio em que há a descontextualização de um discurso de sua prática e contexto originais e recolocação com base em princípios de focalização e reordenamentos seletivos de um novo contexto. Com isso, é possível dizer que há a produção de um novo discurso.

Esse processo, de acordo com Bernstein (1996), não é restrito à escola e pode ser encontrada em diferentes contextos pedagógicos. Nota-se, assim, a importância e aplicabilidade do conceito de recontextualização em outros ambientes para além da educação formal. É pertinente então questionar quais são os campos recontextualizadores, agentes e agências que participam deste processo no âmbito museal?

No processo de recontextualização, no nível da geração do discurso, participam dois campos: o campo recontextualizador *oficial* (CRO) e o campo recontextualizador *pedagógico* (CRP) (LEITE, 2007; BERNSTEIN, 1996, 1998). A principal atividade destes campos é a definição do *que* – conceitos e competências, e do *como* – relações entre os discursos, relações entre os sujeitos e relações entre espaços, do discurso pedagógico. O CRO é criado e dominado pelo Estado e seus agentes, já o CRP é composto pelos pedagogos e outros formadores de professores e pesquisadores das escolas, pelas universidades e seus departamentos/faculdades de educação, também as fundações privadas, os “meios especializados de educação, jornais semanais, revistas etc. (BERNSTEIN, 1996).

De acordo com Morais (2004), o processo de produção e reprodução do discurso pedagógico é extremamente dinâmico, fontes potenciais de conflito, resistência e inércia estão presentes entre os agentes do CRO e do CRP e ainda no nível da transmissão. Pode existir assim, uma dinâmica entre posições, sujeitos e práticas dependendo da autonomia concedida a cada um desses elementos. O dinamismo é a característica que pode propiciar que mudanças nas estruturas de poder e controle tenham lugar.

## Recortes de análise

As ideias de Bernstein não se restringem a compreender a produção do discurso pedagógico restrita aos contextos escolares. Elas são passíveis de serem utilizadas em diferentes contextos de análise (BERNSTEIN, 1990, 1996). Assumimos assim que o discurso produzido nas ações educacionais dos museus de ciências se comportam de forma semelhante na produção do discurso pedagógico, por meio de processos recontextualizadores.

Neste trabalho apresentaremos a caracterização dos diferentes atores e instituições que fazem parte dos CRP e CRO dos museus. Os dados são oriundos de três diferentes pesquisas que analisam o processo de recontextualização que gera o “discurso pedagógico do museu”. Uma delas tem como foco a análise dos discursos das ações educativas propostas pelos setores educativos (MARTINS, 2011), a segunda está relacionada aos discursos expositivos (MARANDINO, 2001) e por fim, a terceira pesquisa, que está em andamento (SOUZA, 2013), refere-se também a análise do discurso expositivo e da compreensão deste discurso pelo público. Diferentes tipologias de museus foram analisadas, contribuindo para a compreensão da complexidade de relações que entram em jogo na constituição destes discursos.

Martins (P1) realizou a investigação das ações e setor educativo de três museus: MAE – USP (ciências humanas); o MAST-RJ (ciência e tecnologia) e a Pinacoteca do Estado- SP (artes). Os dados foram obtidos por meio de entrevistas com os educadores dos museus, análise documental e, em menor grau, observações. A pesquisa realizada por Marandino (P2) investigou exposições de cinco museus com temáticas ligadas às ciências biológicas (MUZUSP; MAV/FMVZ-USP; Museu Oceanográfico da USP; Ciencia/USP; Museu da Vida/FIOCRUZ), a partir de entrevistas a seus elaboradores e/ou coordenadores, análise de documentos e observação das exposições. Neste trabalho apresentaremos os dados relativos às entrevistas. Já a terceira pesquisa, desenvolvida por Souza (P3), está a analisar a Estufa do Cerrado, exposição imersiva<sup>1</sup> de longa duração que aborda temas sobre o bioma do Cerrado, presente no JBSP-Ibot. Os dados apresentados referem-se a análise dos documentos e observações realizadas na exposição.

---

<sup>1</sup> Exposições de imersão buscam reproduzir da forma mais “real” possível os ambientes onde os organismos vivem, no intuito de proporcionar a imersão total dos visitantes nesses locais, como se estivessem visitando o ambiente original (MARANDINO, 2010).

Procuramos por meio da análise das três pesquisas, identificar os agentes e instâncias que atuam no CRP, bem como, procuramos fazer algumas considerações sobre a autonomia entre CRP e CRO.

## O CRP *museu* – agentes e agências

A análise dos setores educativos realizados na P1 mostram uma atuação contundente dos próprios educadores no CRP. Em todos os museus estudados pela autora, os educadores são os propositores das ações educacionais, principalmente no que se refere aos objetivos e métodos empregados nessas práticas. Essa autonomia é explicada, em parte, pelo posicionamento dos setores educativos nas instituições museais.

O que se deduz dos casos estudados por Martins é que, apesar das transformações históricas ocorridas sobre a função educacional dos museus no último século, sua inserção institucional ainda é alvo de controvérsias. A compreensão de como os relacionamentos com os públicos deve ser estruturado não é igual para todos os profissionais de museus. Essa afirmação é particularmente emblemática no caso do museu de artes onde o discurso expositivo é a principal via de comunicação do Museu com os seus públicos e em cuja concepção os educadores muitas vezes não têm voz.

No museu de ciências humanas essa voz existe, mas a educação encontra outras barreiras internas, advindas da relação hierárquica entre a área de educação e a área científica. Já no museu de ciência e tecnologia essa voz está condicionada às conturbadas relações entre as diferentes coordenadorias que compõem o museu.

O que é mais importante nas considerações trazidas por Martins, entretanto, é que o panorama apresentado traz a possibilidade de serem os educadores de museus os responsáveis tanto pela produção quanto pela recontextualização dos textos pedagógicos. No caso das três tipologias de museus estudados por Martins, existe uma atuação concreta, e referencial, dos profissionais de educação na produção de conhecimento dentro desse campo. Configura-se e confirma-se, portanto, a hipótese de serem os educadores de museus os produtores originais dos textos sobre educação em museus, além de responsáveis pela sua recontextualização pedagógica.

No caso da análise realizada nas cinco exposições com temáticas biológicas (P2), Marandino mostra que diferentes atores têm poder e participam de formas diferenciadas desse processo, adaptando o discurso científico de forma a torná-lo mais acessível ao público. Estes sujeitos agem reelaborando os conteúdos e adequando-os às especificidades do espaço de uma exposição, ressignificando textos, objetos e imagens para tornarem-se atrativos e compreensíveis para o público que visita o museu.

Dependendo do contexto histórico e político e de como a divisão do trabalho se dá em cada instituição, atores como os diretores e membros das diferentes divisões e departamentos existentes nos museus, como coordenadores de setores e curadores, podem ter maior ou menor controle do discurso expositivo em suas mãos. No caso do Museu da Vida, alguns dos responsáveis pelo controle do discurso expositivo final eram coordenadores de setores da instituição que possuíam formação nas áreas científicas, históricas, mas também de educação e divulgação, na produção da exposição também foi evidenciado o papel das áreas de educação e divulgação no MAV e Eciência.

Os dados da P2 revelam o papel da formação dos vários profissionais envolvidos na produção das exposições. Além dos especialistas, educadores e museólogos participam da definição do discurso expositivo final, tendo maior ou menor poder de decisão em função da autonomia que a instituição propicia para a realização do trabalho. No MUZUSP, MAV e Eciência, profissionais do campo da museologia tiveram participação fundamental na seleção e formatação dos conteúdos e formas como a ciência foi apresentada nas suas exposições. Nesses casos, em meio a negociações e tensões, a museologia também revelou-se como um discurso mediador importante e seus profissionais como atores que determinaram o que efetivamente apareceu na proposta final.

Contudo, mesmo que possuam menor autonomia e poder, outros profissionais estão contidos no CRP como os designers e artistas plásticos. No Museu da Vida evidenciou-se a negociação entre a coordenação e o artista plástico responsável pela produção dos painéis existentes na exposição. Nos demais museus, os técnicos envolvidos na elaboração das exposições também podem ser identificados como sujeitos ligados ao CRP. Suas especialidades acabam muitas vezes influenciando decisões e promovendo intervenções em certos aspectos da proposta expositiva.

Pode-se evidenciar isso, por exemplo, em MAV, onde os técnicos definem a postura e acabam influenciando a maneira com que os animais aparecem na exposição.

A pesquisa que vem sendo realizada por Souza (2010) sobre o discurso expositivo da Estufa do Cerrado, mostra que assim como nas exposições da P2, diferentes atores participam do processo de recontextualização, selecionando o que e o como do discurso. Nota-se de forma mais contundente a voz do discurso científico, elaborado pelos pesquisadores do Ibot. Outros profissionais da área de biologia também configuram como agentes na produção do discurso expositivo. Envolveram-se ainda empresas terceirizadas que realizaram diferentes serviços. Neste caso, estão presentes também os discursos dos profissionais responsáveis pela expografia, tecnologia e dos técnicos de montagem da exposição.

A posição ocupada pelos diferentes profissionais podem explicar porque a voz do conhecimento científico é a mais presente no discurso expositivo final. O vínculo e a posição institucional ocupada pelos pesquisadores podem fazer com que estes profissionais gozem de maior autonomia e poder de decisão na produção do discurso expositivo final. São justamente estes, da área de biologia, que assumem a curadoria da exposição e neste caso, a participação nas decisões de todas as etapas do processo, ocupando uma posição privilegiada na definição das regras de controle e legitimação do discurso final.

Diferentemente da pesquisa anterior (P2) não está evidente no CRP desta exposição, o envolvimento de agentes de outras áreas científicas exceto a biologia. Ressalta-se ainda a aparente falta de envolvimento de educadores dentre os dados analisados até o momento, não foram encontradas evidências da participação do setor educativo do Jardim Botânico ou de outro profissional da educação em museus.

## O CRO e a autonomia entre os campos

Como destacado anteriormente no dispositivo pedagógico atuam as regras de recontextualização que produzem o discurso pedagógico. No processo de recontextualização atuam o CRO e CRP. Caracterizados os agentes e agências do CRP, procuramos agora identificar o CRO, buscando dar algumas pistas sobre a autonomia desses campos no processo de produção dos discursos pedagógicos dos museus.

Um ponto evidenciado pela P1 é que existe um campo recontextualizador próprio da educação em museus no Brasil. Nesse campo atuam os agentes do estado responsáveis pela concepção e execução das políticas públicas para os museus. Esses agentes são o IBRAM, Ministério da Cultura, Departamento de Difusão e Popularização da Ciência e Tecnologia e MCT. Instituições cujos agentes estão interessados em desenhar as políticas públicas para as instituições museais. A constatação da autora é corroborada pela lógica de financiamento das ações educacionais nos museus e exposições estudadas.

As autoras de P2 e P3 destacam na constituição do CRO, a participação das instituições de pesquisa que abrigam as exposições, como a Fiocruz, MZUSP e Ibot. Estas instituições com suas missões e pesquisas também delimitam conteúdos científicos que farão parte do discurso oficial. Corroborando com P1, os financiamentos de exposições podem atuar no processo de recontextualização pedagógica, representados em P3 por políticas de compensação ambiental, que uma vez gerenciadas pelas Sec. de Meio Ambiente, podem evidenciar um menor grau de autonomia entre os campos recontextualizadores oficial e pedagógico.

Contribui para o menor grau de autonomia do CRP a participação dos mesmos agentes na produção do conhecimento científico (CRO). Ainda vale ressaltar que muitas vezes são os conhecimentos científicos produzidos nas instituições de pesquisa que balizam as políticas públicas. Como indica Bernstein (1996), a forma de regulação e a composição social dos diferentes agentes podem variar de uma situação histórica para outra podendo, no campo pedagógico, aqueles que produzem o novo conhecimento serem seus próprios recontextualizadores.

Por outro lado, a pesquisa realizada por Marandino (P2), mostra que em alguns dos espaços analisados o CRP possuía maior autonomia em relação ao CRO. Nota-se neste caso, a presença de diferentes funcionários da instituição

que estavam mais envolvidos com a produção das exposições e mais distantes das proposições de políticas públicas ou da produção de conhecimento científico acadêmico.

## Conclusões

Podemos perceber pelas pesquisas apresentadas, que o discurso pedagógico dos museus é estabelecido a partir da interação de diferentes agentes e agências específicos do contexto museal. Desse discurso fazem parte tanto o processo de concepção e execução das exposições quanto das denominadas ações educativas<sup>2</sup>.

Na conformação do CRP dos museus diferentes agentes possuem autonomia relativa na produção do discurso pedagógico do museu. A decisão por dar voz ou não a eles é uma decisão política e de gestão da própria instituição ao nível de direção e filiação a esfera governamental. Esta recebe influência externa, que incluem os órgãos financiadores, as políticas governamentais de cultura, educação e ciência e tecnologia e das instituições de produção de conhecimento ou seja, dos agentes e agências que conformam o CRO dos museus.

Estudos sobre a educação em museus em sua dimensão sociológica fornecem elementos-chaves para compreensão das dinâmicas de seleção e de distribuição do poder na elaboração do discurso expositivo. Ao considerarmos que é especialmente por meio da exposição e das ações educacionais que o público se envolve nos processos de ensino e aprendizagem nos museus, pesquisas que exploram a perspectiva sociológica da didática museal podem colaborar revelando a dinâmica de produção desses elementos, contribuindo para a formação dos profissionais que atuam nesses locais e, por conseguinte, qualificando as atividades educativas por eles elaboradas.

## Referências Bibliográficas

- Bernstein, B. (1990) *Poder, educación y consciencia. Sociología de la Transmisión Cultural*. Barcelona: El Roure Editorial.
- Bernstein, B. (1996) *A Estruturação do Discurso Pedagógico: classe, códigos e controle*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Bernstein, B. (1998) *Pedagogía, control simbólico e identidad: teoría, investigación y crítica*. Madrid: Ediciones Morata.
- Bruno, M. C. O. (1996) *O discurso expositivo como um dos produtos do processo de musealização*. Conferência realizada no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. (Fotocopiado).
- Galian, C. V. A. (2011) A recontextualização e o nível de exigência conceitual do conhecimento escolar. *Educação e Pesquisa (USP)*, 37, p. 763-778.
- Leite, M. S. (2007) *Recontextualização e transposição didática*. Introdução à leitura de Basil Bernstein e Yves Chevallard. Araraquara: Junqueira & Marin.
- Mainardes, J. & Stremel, S. (2010) A teoria de Basil Bernstein e algumas de suas contribuições para as pesquisas sobre políticas educacionais e curriculares. *Revista Teias, proPEd/UERJ*, 11 (22).
- Marandino, M. (2001) *O Conhecimento Biológico nas Exposições de Museus de Ciências: análise do processo de construção do discurso expositivo*. Ph.D. Thesis - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

---

<sup>2</sup> Na pesquisa de Martins são consideradas ações educativas as realizações dos setores educativos das instituições estudadas.

- Martins, L. C. (2011) *A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia*. Ph.D. Thesis - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.
- Morais, A. M., & Neves, I. P. (2011). Educational texts and contexts that work: Discussing the optimization of a model of pedagogic practice. In D.Frandji & P. Vitale (Ed.), *Knowledge, pedagogy & society: International perspectives on Basil Bernstein`s sociology of education* (cap. 12). Londres: Routledge.
- Morais, A. M. (2004). Basil Bernstein: Sociologia para a educação. In A. Teodoro & C. Torres (Ed.), *Educação crítica & utopia - Perspectivas para o século XXI* (Cap. 4). Lisboa: Edições Afrontamento.
- Neves, I., & Moraes, A. (2001). Texts and contexts in educational systems: Studies of recontextualising spaces. In A. Moraes, I. Neves, B. Davies & H. Daniels (Eds.), *Towards a sociology of pedagogy: The contribution of Basil Bernstein to research* (Cap. 9). Nova Iorque: Peter Lang.
- Souza, M. P. C. (2013) *A conservação da biodiversidade em exposições de imersão*. Projeto de pesquisa (Ph. D.) apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.